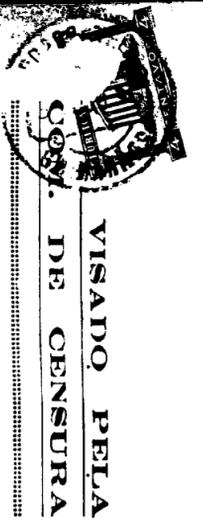


NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO



Interesses Municipais

O Município e a Freguesia

A Freguesia é, como todos sabem — mas são precisamente e desgraçadamente, as verdades mais comensuráveis, rudimentares e por todos conhecidas, as menos presentes e portanto as mais ignoradas — a célula do Município. Um Concelho compõe-se de certo número de Freguesias. São essas Freguesias que o formam e constituem. Mais importante ou mais fraco, mais vasto ou mais pequeno, conforme o valor ou a extensão, como, entre elas, algumas há de mais relêvo, assim como outras são de natureza agreste e árida. Têm as Freguesias uma cabeça, a sua capital, a sua sede — Cidade, Vila ou Lugar, donde, ordinariamente, lhes deriva o nome; e, assim como a Metrópole é absorvente em relação aos Domínios, e a Cidade Primária, a que os antigos chamavam, com propriedade clássica, as Côrtes, domina as Províncias, ou, nas Províncias, o Distrito primeiro, e neste a sua melhor Comarca, e ainda na Comarca a melhor Cidade, a cidade centraliza, absorve e domina o Município. Mas, afinal, a verdadeira alma do Município não pode ser nunca, nem mesmo o é em regra, esse famoso e nomeado centro, qualquer que ele seja, mas sim e sempre o conjunto das Freguesias que o formam. A administração municipal não pode considerar-se — e farta, sobejamente se considera — uma administração cidadina, mas tem de ser e deve ser a administração de toda a colectividade municipal. Pela sua tradição histórica, tradição entre nós muito notável e honrosa, e pela sua estrutura jurídica, como pela sua formação económica, o Município não é apenas a soma, que é um número diferente das parcelas, mas é sobretudo, e essencialmente, o concurso sempre vivo de todos os agregados de carácter diferente, que homogeneamente o constituem. A Câmara não é da cidade, em que tem o seu edifício e onde realiza as suas reuniões hebdomadas, a Câmara é Municipal, e não apenas no título, mas por dever e cargo, até mesmo por essência, da sua própria função. Tem por isso quem a serve o dever de honra de servir o Município, tem de se informar das urgências, das necessidades, das aspirações das Freguesias do Município, de fazer verdadeiramente administração municipal. E não se su-

ponha que, dentro dos moldes da nossa administração pública, esta se possa supor entregue ou a cargo das Juntas de Freguesia. Então, teriam elas, dado que lhes fôsse ou entendesse confiança toda a administração local, de ter em sua mão e disposição todo o rendimento colectável do respectivo agregado que entra na Tesouraria Municipal. Não. As suas atribuições são mais restritas, a sua alçada é em parte diferente, em parte muito mais limitada. E se é certo, como não podia deixar de ser, que parte desses rendimentos são ou têm de ser atribuídos a serviços de interesse geral, e em que, muito frequentemente, a Freguesia tributária não tem participação alguma, também de justiça e de facto, outras muitas vezes, as mais poderosas e ricas têm de contribuir para satisfação de necessidades elementares das menos rendosas e mais carecidas. Se toda a organização assenta em reciprocidade de interesses, toda ela implica também, e elementarmente, o intercâmbio de serviços. Dá-se nas células vivas do organismo, como tem de dar-se nas células vivas das sociedades. Mas, e por efeito daquela tendência absorvente dos centros, como por efeito de uma errada mas fácil e má interpretação política e económica, a administração municipal, muitas vezes empenhada em só engrandecer a cidade, que é a sede, descarta, dilata ou não cuida suficientemente da verdadeira administração de todo o Município, com grande detrimento das Freguesias. Para isso é preciso visitá-las, conhecê-las, viver no íntimo e fundo de suas vidas, antes de que supor de maneira geral e dogmática de suas carências e desejos, como de vulgar acontece. Há necessidades gerais, lineares, na base de todos os programas. São as que já deviam estar realizadas. Essas são evidentes e indiscutíveis. Mas há outras peculiares, especiais, características, que só o exame e o estudo atento revelam como não menos importantes e substanciais para vivificar na Freguesia o seu carácter natural, a sua distinta fisionomia.

Maravilhas do século

De todas as descobertas apregoadas, esta de poder-se caminhar, de Londres a New-York, em 10 horas, servidos pela estrada da estratosfera, é sem dúvida das mais notáveis e daquelas que nos deixam um nada entontecidos.

Que se vive a vida mais intensamente e que uma viagem,

nos tempos hodiernos, não é positivamente o martírio da diligência do Cosme ou dos carros do Chora, calcurriando o macadame brilhando ao sol faiscante, como diria o singelo Ramalho, a ninguém resta dúvidas e todo o mundo o sente e compreende; também o simples facto de enterrar o corpo numa poltrona e ligar o aparelho de T. S. F. para qualquer ponto situado no cabo do mundo, já não causa espanto nem tam pouco impressiona qualquer dos cinco sentidos...

Porém, a rapidez da viagem supra citada leva-nos a conservar em permanente estado de abertura todas e quaisquer cancelas postas sobre a crosta da terra pelo dedo omnipotente do onnisciente Deus.

Na verdade, muito mais rápido que o tiro disparado pela «Berta» que bombardeava Paris, quando da Grande Guerra, o novo processo diz-nos que a distância do pequeno almoço ao jantar é questão de umas horas.

Avenida dos Pombais

Obra de há muito requerida, a da Avenida dos Pombais merece especial relêvo ao constatar-se que não há uma entrada digna para quem venha de Famalicão, ou tenha serventia por aquela estrada.

Ainda muito longe da realidade, entretanto, uma coisa se observa: os motoristas da nossa praça preferem subir aquela nova artéria em (construção) do que sujeitar-se ao encomodativo balanço da Rua de D. João I, calcetada ao Deus-dará.

Urge, pois, que todas as atenções se voltem para a nova Avenida a-fim de que, muito em breve, tenhamos uma entrada que não desmereça do valor do tráfego citadino.

Oportunismo

Vai a maré propícia, nesta quadra escaldante e soalheira, para fazer valer a letra do Código de Posturas no que diz respeito a consertos de cauleiros.

Já vimos as fachadas dos prédios pintadas; o côradoiro público também desapareceu; levantaram-se novas águas-furtadas; foi cegada a erva do terreiro de S. Francisco — coitadinha, ressequida por este sol de chupa-que-chupa (!); pudemos assistir à substituição de telhas, partidas ou deslocadas por artes do demo ou cabriolas de gatos feitas na quadra que abrange o mês de Fevereiro; ver no entanto, a arte de picheleiro posta à prova e a pôr termo aos mil e um duches a que o transeunte pacífico está sujeito — ele é o gastas! — nem ponta de solda a vedar os inúmeros buraquinhos que são o nosso martírio quando a chuva bate impiedosa e inclementemente.

Não estaremos na época própria destes consertos?

Propaganda

Tem-se verificado que nunca mais acabam as ligeiras visitas das muitas e variadas excursões que, vindo do sul ou do norte, do nascente ou do poente, fazem quartel-general na Praça D. Afonso Henriques para logo se pôem nas andadeiras sem que os principais museus e monumentos da cidade tenham a benignidade

dum olhar ou possam fazer-se eco de uma exclamação de espanto.

Poder-se-ia aplicar a tam conhecida frase: *chegar, vêr e vencer.*

Indubitavelmente que a propaganda não tem sido orientada de molde a fazer valer o interesse que Guimarães possa despertar, obrigando o amável *touriste* a demorar-se um dia, tempo indispensável para uma visita feita com olhos de vêr e capaz de trazer regalo ao coração.

Torre da Alfândega

Continua a ser muito notada a boa qualidade de argamassa deitada nas juntas da mui nobre e altaneira Torre da Alfândega.

Aquilo sim, que não é terra sáfara! Já não bastavam os tremoços a seduzir e tentar os estômagos glutões da *Pilsener* ou da *Pérola*; além das vagens da planta leguminosa que nos dá aqueles grãos comestíveis, poderemos contemplar como a urze medra sem tratar-se, positivamente, de uma «encosta escavada, sêca, deserta e nua, à beira dum... quiosque».

Falta de luz

Meia Guimarães anda intrigada com a escuridão que sobrecarrega a nossa Penha. Afóra a luz da cruz luminosa que a benemérita Irmandade manda acender nos domingos e dias santos de guarda e o reflexo da sala de jantar do Hotel, todo aquê que deseja limpar os pulmões com o ar lavado da montanha, após um dia de trabalho intenso que faça suar as estopinhas, ao subir ao cimo do nosso jardim encantado, muitas arrelias sofrem só porque lá no alto encontra a luz no «bar» e as lâmpadas que indicam as entradas do Hotel e *Pensão Costa*.

¿A Philips teria já aderido ao pacto de neutralidade, considerando a nossa Penha zona imprópria, ou o fiscal da luz — que Deus haja! — não se lembraria de deixar a indicação de que na Penha os postes das lâmpadas eram em maior número do que aquê que actualmente se verifica?

Críticas Pequenas

Como o inverno derradeiro houvesse atravessado a primavera inteira e ainda ousasse beliscar o estio, muita gente pensou que em 1936 não teríamos o calor sudorífero de todos os anos. Mas o Agosto trouxe-nos uma apreciável amostra dos altos calores. Dias e dias em que o termómetro trepava e o quebranto nos entorpecia.

Procurar uma fresca suavizadora e acompanhar Alfredo Pimenta na sua recente *Polémica Histórica*, é arranjar dous sorvetes de resistência à desiduação tropical.

Concorrerá o nosso ilustre Conterráneo ao Prémio de História no Secretariado de Propaganda Nacional.

Os seus Elementos de História de Portugal honraram-se com o louvor desassombroso de Manuel Múrias, mas não

Bordados da Ilha da Madeira

Visitem V. Ex.^{as} hoje a exposição na Casa

Camilo Barangeiro dos Reis

Praça de D. Afonso Henriques — Guimarães

IMPRESSIONISMO

Lá vai,
Lá vai o sol
Morrer
Numa explosão rubra de luz,
Ai,
Sem reprimir,
Sem conseguir deter,
Ou parar,
A enorme golfada de sangue
Que se derrama no ar,
Da côr do sangue vivo,
E se alastra,
Amplia
E espalha gradualmente no céu,
Voltados
Ao poente
Os meus olhos esbraseados de terror!...

Eu vi,
Eu vi sobrepôr-se
A' sua luz doirada,
A palidez que não ilude,
A côr descôrada
Do hemóptico em último gráu,
Fraca,
Sem brilho já —
A imagem transitória
Da vida
A transfigurar-se
No espectro humano
Da luz dorida!...

Eu não entendo,
Não adivinho sequer,
E nem compreendo
A coisa que me assombra
Sensibiliza
E entontece,
O fenómeno que se divisa
Em repetição constante
De todos os dias,
Essa continuidade
Que enche de tristeza a alma
E constitui
O sonho eterno
Que arrefece
Dentro de nós
A alegria de viver,
E,
Em doce esquecimento,
Enquanto o sol,
De novo,
Não voltar a aparecer,
Nos coloca além da Morte
Num sono que é uma delícia...

A Sombra sobrecarrega o Mundo.

Serêna,
Devagar,
Avança a noite
Num silêncio
Que no meu peito se desfaz...

Não posso ver esta luz impressionante,
Cecia,
Triste,
Delida pela escuridão.

A noite é para os fortes de espírito.

Sósinho,
A sós comigo,
Resuscito o viver a cada instante.

1936. L. COELHO.

conseguiram o Prémio proposto.

Foi preferido um livro que A. P. não julgava merecer tal prémio e preterido outro livro a que ao formidável Polemista parecia caber a justiça da relativa superioridade. *Inde irae...*

Como A. P. sabe que muitos apreciadores de críticas atendem mais ao signatário do que à mesma crítica, lem-

brou-se de sob um criptónimo desorientador fazer a análise do livro preferido.

As tertúlias lisboetas ficaram boquiabertas ao verem a crítica feita. Um primor!

Mas quando souberam que Alvaro de Menezes era precisamente Alfredo Pimenta, logo arredaram os óculos do ver bem para assestar as lunetas do achar mal.

E' sempre esquecido o preceito do grande Bispo de Hipona: — *Amai os homens; exterminal os erros.*

Seguiu-se então uma azêda e cruel polémica que levou o Autor feliz a oportuno silêncio e ensejo deu a A. P. de nos mimosear com mais um volume que naturalmente e apropriadamente foi denominado *Polémica Histórica*.

G.

VÁRIA

Guimarães em 1836 — Entre 15 de Agosto e 15 de Setembro daquele ano de 1836, o memorialista, de cujas notas nos estamos servindo para estes sucintos fastos da vida vimaranense de há um século, apenas regista a apagada repercussão do movimento que derrubou o Ministério e re-proclamou a Constituição de 1822. A 22 de Agosto chegava a Braga um destacamento de Infantaria 9. O Governô, no receio de que a revolução estalasse a 24, tomava, assim, algumas providências; e por isso, na noite de 23 para 24, essa força andou de ronda, bem como as Autoridades com a polícia, chegando certas pessoas mais timoratas ou facciosas a saírem da Vila, no susto de que os Mijados lhes fizessem qualquer partida ou alterassem violentamente a ordem. Afinal houve socêgo. A 12 de Setembro veio, efectivamente, noticia de a Rainha, em virtude de grande alvoroço na Capital, em 9, e da mensagem que lhe enviaram os Corpos da 1.ª Linha e a Guarda Nacional, ter restabelecido a Constituição de 22, demittido o Ministério e nomeado outro, da Presidência do Conde de Lumiares, em que entravam o Visconde de Sá da Bandeira, Manuel da Silva Passos, António Manuel Lopes Vieira de Castro — Abade de S. Clemente, e António César de Vasconcelos Correia. Logo alguns sectários vieram para a rua deitar foguetes, manifestações estas que se repetiram mais intensamente nos dois dias seguintes. Parece, porém, que o novo Governô, como avançado, tinha em Guimarães, pacatamente conservadora, poucos partidários.

E agora uma rectificação ao número 237: não é Juiz de Pronúncia e Juiz de Sentença, mas Juri de Pronúncia e Juri de Sentença. Outra: a reunião da Irmandade da Misericórdia foi a 9 de Agosto e não a 9 de Maio. Finalmente: Chamorros e Mijados e não aleijados — embora alguns o fossem.

De Francisco Rodrigues Lobo:

2)
— entrefôrro da cortiça (e não entreponto, como saiu,
— gente aldeã
— E falando da cortezia que entenderei nela?
— os dias atrás: há dias
— Abusão: abuso
— pessoa mais conhecida por si, que pelas confrontações
— é tam grande bugia da virtude e da honra a vaidade
— vão encadeando as letras pelas cabeças como sardinhas da Galiza
— As armas é a insígnia que cada um tem de sua nobreza
— capela de hera com seus cachinhos; capela de carvalhos com suas bolotas — capela de ramos de silva com cachos de amoras
— conchela: concha pequena.

Notas dispersas: «Quanto a mim julgo que a história só pode ser com-

PORTUGAL

Isto de conhecer a Terra Portuguesa
De lés a lés, inteira, a nossa Terra-Amada,
E' ter nos olhos, sempre, o fulcro da Beleza,
E' ter na alma, sempre, a luz duma Alvorada.

E' ficar concentrado, em fervorosa resa,
Perante essa Epopeia enorme, rendilhada,
Que se chama Batalha — a Pátria e a Grandesa —
D. João, Mestre Afonso, a Ala-Namorada!

E' abraçar a aldeia, a vila e a cidade,
Deixar aqui um sonho, ali uma saúde,
Um epigrama, um riso, um beijo, um madrigal...

Trazer no coração, alfim, muito abraçado,
O nosso céu azul de sol todo alagado,
O grande coração do nosso Portugal!

Agosto de 1936.

DELFINO DE GUIMARÃIS.

pletamente verídica na mão dos contemporâneos. Não digo que a história se escreva logo que acontece, a não ser a título de simples documento, porque é necessário que os acontecimentos arrefeçam e já estejam a distância. Penso até que, sob o ponto de vista da arte, a história só tem a ganhar com a perspectiva. Mas creio também que o contemporâneo, melhor do que a posteridade, compreende e sente os homens e as coisas. O que a posteridade tiver a mais não substitue o ar que o contemporâneo respira em volta dos acontecimentos e das pessoas. Necessário é, porém, que o historiador contemporâneo tenha mais coragem, senão uma mais alta inteligência, do que o historiador futuro; é necessário que ele não conheça Galba, Olhão ou Vitellius nem por um benefício, nem por uma injustiça, ou que, se os conhecer duma ou doutra maneira, se coloque acima dos seus sentimentos pessoais e escreva como filósofo e como cidadão.» (Limastrac).

No Mapa de Portugal — do Padre João Baptista de Castro, quando se refere às nossas Caldas, trata assim as de Guimarães: «Estão estas Caldas na Freguesia de S. Miguel, distante uma légua da Vila, e se compõem das águas cáldas, que nascem de uma fonte por sete olhos: aplicam-se a achaques frios.»

«Amiguinhos, si; mais a vaquiña pol-o qué valer» — é o ditado Galego que corresponde ao nosso — «Amigos, amigos; mas negócios à parte».

«Toma então o nome de egoísmo (o sentimento natural do amor próprio quando extraordinariamente excessivo), nome de invenção moderna, mas bem próprio, por certo, para exprimir um vício tam abominável, como anti-social, que parece ser o dominante da nossa idade, e haver quasi apagado de entre os homens os felizes esforços do amor à glória, do generoso patriotismo, do honrado desinteresse, da virtuosa independência, e de todos os outros sentimentos nobres e sublimes, que em séculos mais felizes caracterizaram tantos valores distintos, e elevaram algumas nações a um alto grau de esplendor e prosperidade.» (Cardenal Saraiva).

De Manuel Bernardes:

«Ao Pródigo, e ao Avarento feita o mesmo que lhes não falta: porque todos os tesouros da terra, e do mar são poucos para tornar, um a lançá-los no mar, outro a escondê-los na terra.

O que é dotado de verdadeira virtude tem os seus males por fora, os seus bens por dentro. Pelo contrário o amor de glória vã, o hipócrita, o mundano, os seus males estão por dentro, porque são verdadeiros, e os seus bens por fora, porque são imaginados, e aparentes.

Não tens inimigo mais poderoso, mais astuto, mais emperrado, e mais domesticado, do que é teu amor próprio. Se queres errar frequentemente, sentença pelo seu voto.»

— Então, meu freguesinho, não vem feirar comigo?

— Pois só lhe vejo, para vender, mantas de trapos.

— E que têm as mantas?

— De trapos!

— E daí? São mantas. De retalhos, que pareciam nada prestarem, se faz uma peça. Com ela se cobre e agasalha o necessitado. Desperdiçamos de ricos, proveito de pobres. Pareciam sobejos inúteis e são utilidades.

O bem, o progresso, a defesa dos supremos interesses do bairro constituem necessariamente a base dessa religião que todos devemos ter, o bairrismo, e que devemos professar com toda a devoção, com todo o carinho, com toda a abnegação.

mente — frouxa resistência poderá opôr ao assalto dos esfo-meados que a sua carne enfureceu...

Lá fora... Eu sei! E' a eterna razão! Portugal estava atrasado mais de meio século. Lisboa arrastava os chinelos como uma velha cidade de provincia! Reagiu, europeizou-se, importou cosmopolitismo... Como? Alargando as ruas, desenvolvendo a industria, construindo grandes hotéis, erguendo a ponte sobre o Tejo, rasgando os intestinos do solo para os perfurarem com o metropolitano? Não! Despidindo as mulheres, exagerando o «nú» nas praias. E' como o selvagem do sertão, que abrindo um chapéu de chuva e enfiando uma casaca — se julga logo civilizado...

Um país civiliza-se copiando a civilização nas suas virtudes essenciais e não macaqueando os defeitos, os aleijões, as más conseqüências inevitáveis dessa mesma civilização.

A civilização europeia, que é hoje americana, trouxe consigo verdadeiras catástrofes morais para certa zona social, a mais diminuta de todas, mas não é importando essa imoralidade que Portugal se civiliza. Que lá fora a «nudez» não é germe de catástrofes nos costumes. Conforme... Mas lá fora começaram pelo principio: começaram pela educação, e só se despiram quando não havia perigo. Fez-se do nú uma arte... E lá fora os homens são outros — pela educação e pela raça. Os homens... e as mulheres.

E tanto assim que lá fora o «nú» das praias não aumentou nem alterou a estatística normal da imoralidade. E entre nós? Jesus... Se fôssemos a fazer estatísticas! Não são palavras — são factos.

Quantos escândalos, quantas lágrimas, quantas vergonhas não se têm registado, quantos filhos ilegítimos — legítimos filhos do «nú»? Quantas fatalidades não veio o «nú» trazer às pacatas famílias portuguesas! As filhas perderam o respeito e o amor pelo pai. Tratam-nos por «canastras», por «jarrões», desprezam nos, desobedecem-lhes — odeiam nos. Porquê? Eles transgiram um pouco, deixaram que elas mordessem a maçã do «nú» e agora já não têm energia nem moral para frená-las. E a pouca resistência que lhes oferecem basta para que elas se desesperem e lhes ganhem rancôr. Querem gozar a vida, aproveitar todos os prazeres de que o «nú» foi o inicio. Mas de todos os homens, cúmplices, consentidores ou passivas vítimas do «nú», aqueles que merecem maior lástima são... os «noivos». Pois existem homens que vendo «virgens» exibirem-se semi nuas aos olhos cubicosos de todos os outros homens; que sabendo que essas virgens, semi-virgens se tornaram ao cabo de longo elenco de namoro — ainda as querem para espôsas? Que confiança podem elles ter no futuro? Que ilusão lhes pode oferecer a futura noite de nupcias, se o corpo da espôsa já foi de todos os olhos que o quiseram ver — e dos seus próprios olhos?...

E — remate paradoxal: são essas classes que mais protestam contra o «nú» dos teatros; são essas classes que desprezam as «mulheres» que se despem no palco... Têm razão. Existe de facto uma grande diferença entre umas e outras... E' que as «girls», as coristas, as actrizes, despem-se para ganhar a vida — e as «banhistas» para se mostrarem. E quem sabe se entre aquelas, se entre as nuas do teatro, não houve verdadeiros heroísmos na luta entre a fome e o pudor — luta essa que nenhuma das outras conhece ao desnudar-se pela primeira vez.

Repórter X.

Lêde e propagai o «Notícias de Guimarães».

ITINERARIOS

III

A manhã veio macia e fresca, mais limpo o céu e rasgado o horizonte: esta simples ideia da viagem, como quem toma uma resolução forte na conjura da tormenta adversa, já nos vitoriou sobre a natureza. Bastou que nos partissemos de nós mesmos. Todos, mais ou menos, sentimos o desejo ou a necessidade pungentes de nos separarmos em dois seres distintos, deixando ficar em casa o homem mecânico para o avião automático das tarefas diárias, e transportando a parte mais sensível da intelligência do nosso eu para a vida livre, a vida que se vive além e acima da vegetação animal. Nem sempre o viajar é fugir, como, sob a pressão dolorosa deste Agosto sangrento e asfixiante, memorável — e cujas seqüências virão a ser porventura e mais desgraçadamente ainda terríveis mesmo para os que se julgam simples e ávidos espectadores — eu fiz agora, mas é sempre deixar. E, coisa curiosa, quando, outrora, a viagem representava o mais aventureiro e arriscado acontecimento na vida do homem, as distâncias se venciam a longo custo e arriscada travessia, pelas estradas das liteiras — de que se guardam vestígios na literatura camiliana e em certos recantos pitorescos de paisagem lúgubre —, ou nas imperiais das diligências, com seus altos e mudas em hospedarias turbulentas e macabras, no regresso a casa, passados muitos dias ou meses e anos até, a casa era a mesma, precisamente a mesma, no seu ar, no seu estilo, no seu arranjo, tal como se havia deixado. O tempo havia parado. No velho relógio de sala, cujo pêndulo marcava lenta e medidamente todas as pulsações da existência, continuava o giro soturno dos ponteiros — mas essas horas não se haviam contado. Agora, não. O homem espalhou à sua volta a pressa de viver de-pressa, que o caracteriza nas actuais sociedades. Tudo se gasta mais e dura menos. Nos usos, que já não são usos, e nos costumes, que menos o são ainda, nos seus negócios, que passaram à categoria de jogos de azar, nas suas leituras, incisivas, superficiais, cinematográficas, nas suas inclinações, freneticamente despachadas, nos seus divertimentos desportivos e automobilísticos, nos seus affectos, agudamente brutais na volúpia momentânea, no seu conceito delirante da riqueza como nos seus prodígios esbanjamentos, no seu modo de ser político e religioso, na sua intelligência aturdida e mística, na sua alma ansiosa e volúvel, como nos seus factos, nas suas camisas e nas suas botas, anda impressa a mesma rapidez e a mesma instabilidade. Até com a própria instrução — a instrução aumenta e a educação diminui. Talvez da boa moda — o ser-se grosseiramente malcriado. Instrue-se mais, por certo, e até certamente melhor, mas é o caso que se torna cada vez menos resistente, menos forte, menos viril nas suas concepções e nos seus principios. Daí a sua excessiva e perniciosa maleabilidade, a fraqueza pusillíme com que recebe e adopta as ideias mais extravagantes, se não contrárias ao seu ser como homem e ao meio em que vive, o ironico e crudelissimo dualismo entre a sua ideologia consigne e a prática de seus actos diários, pacata e regulada. Não lhe aponta a moral a lição de vida ou brota em fonte de energia; consagrou-a em esquife de morte: a moral apenas lhe serve como bilhete de trânsito para a outra vida. E' moral morta, não moral viva. Quando a não repudia, declarada e abertamente, como superstição tótemica, seja religiosa, filosófica ou simplesmente ideológica — é que se presume de civilizado, mas com todas as tendências de regresso, em danças e músicas de pretos, à barbaria primitiva, como se a humanidade estivesse condenada a viver outra vez o drama humano, que separa a nossa da idade da pedra lascada! Não, por mais pequena que seja a viagem, de automóvel ou de avião, quando se volta, a casa já não é a mesma que pouco antes deixáramos. O mobiliário moderno tem um ar de fragilidade que, em vez do conforto, nos dá somente apatência — é para se ver ou exibir, não para nos recolhemos. Cenário de teatro, que muda de acto para acto. Nas casas antigas, o mobiliário era severo, austero mesmo, duro e pesado, mas franco e acolhedor: a larga cama para dormir o longo sono de repouso, a cadeira forte em que nos apetecia e sabia bem estar sentado, a mesa que logo nos convidava a uma refeição tranqüilla, as gavetas onde arrumávamos as nossas gravatas e as nossas cartas. Em todas, as mais modestas, havia a sala ou o quarto de estar — e na verdade se estava em familia, por longas horas breves de recolhimento e de conversa. Ali, havia um ar de raça, velho como o mais velho de nossos avós, de que se guardava ainda piedosa memória; ali, se nos demorava a saúde em dôces evocações e se nos educava modelarmente o sentimento pelo esforço de proseguirmos no futuro o esforço que nos dera desde antigas eras o sossêgo daquele retiro sagrado às tempestades e vicissitudes do mundo, sempre leviano e inconstante; ali, era o verdadeiro lar em eterna noite de natal — porque nem um só momento, naquelas mesmas cadeiras, lendo ou conversando, em volta daquela mesa, a reflectir em suas occupações ou a fazer

girar a dobradoira, deixaram de estar connosco os que, há muitos anos de há muitos anos, ali se reuniam e juntavam em familia. E era assim que a própria mobilia tinha alma e expressão.

... Mas, assim a conversar em solilóquio, me vou aproximando da primeira estação desta viagem.

Eduardo d'Almeida.

A Escola I. e G. de «Francisco de Holanda», e a sua Exposição de Trabalhos Escolares.

DO AGRADÁVEL AO ÚTIL

Em Gomide, minha terra, onde me encontro a passar o corrente período de férias, tenho lido em vários jornais — «Comércio de Guimarães», «Notícias de Guimarães», «Berço da Grei», «Correio do Minho», «Primeiro de Janeiro», «Comércio do Porto» e «Jornal de Notícias», as mais agradáveis referências à Exposição de Trabalhos Escolares da Escola Industrial e Commercial de Guimarães. E' natural que outros órgãos da imprensa tenham feito o mesmo, mas quem, nestas alturas, tem a facilidade de ler os que acabo de citar, já pode dar-se por muito satisfeito. Seja, porém, como for, o que se verifica é o seguinte: Que a Exposição dos Trabalhos executados na Escola Técnica de Guimarães tem sido motivo dos mais lisonjeiros comentários, não só por parte da imprensa, mas ainda, segundo informações que até mim têm chegado, por parte das muitíssimas pessoas que a têm visitado. As óptimas impressões colhidas são também a expressão nítida da grande utilidade do referido Estabelecimento de Ensino e, conseqüentemente, do papel importante que o mesmo desempenha no meio industrial e commercial de Guimarães. Esta circunstância basta para quebrar os dentes aos detractores do Ensino Técnico Profissional, que, não o sabendo compreender nem podendo avaliar o seu poderoso alcance, limitam-se a considerá-lo desnecessário. Foi assim que alguns srs. industriais do concelho — felizmente poucos — se manifestaram, quando convidados a responder a um questionário dimanado da Direcção Geral do Ensino Técnico, por ordem do então sr. Ministro da Instrução — o sr. Dr. Eusébio Tamagnini. Duplamente ignorantes esses srs. industriais, porque, desconhecendo por completo o que seja o Ensino Técnico, nem ao menos procuraram, nessa altura, pôr-se em contacto com quem os orientasse das vantagens que uma boa Escola Técnica lhes pode proporcionar. Mas não. Agarrados à sorte e desprezando a preparação Profissional, ei-los a subcrever com a sua própria mão a confirmação da sua criminosa ignorância, considerando inútil o único ramo de Ensino por meio do qual a industria, sobretudo, pode obter os maiores progressos. Duplamente ignorantes, repito, porque são esses mesmos srs. que recorrem ao estrangeiro quando a necessidade os obriga a introduzir innovações nos artigos do seu fabrico, quando essas innovações, lá fora, não são mais do que as conseqüências do desenvolvimento do Ensino Técnico Profissional, o único factor capaz de revolucionar os diferentes ramos da industria. Enquanto em muitos países da Europa — não falando noutros de outras partes do mundo — os industriais, são os primeiros a interessar-se pelo aperfeiçoamento das Escolas Técnicas Profissionais, das quais irradia a verdadeira prosperidade das suas indústrias, em algumas terras de Portugal passa-se o que acabo de dizer. Como justificar semelhante paradoxo?

Como já disse, pela dupla e criminosa ignorância daqueles que, querendo mostrar-se sábios, não passam duns simples tolerados, favorecidos unicamente pela sorte, enquanto esta os proteger. E são estes, os que não têm nenhuma competência técnica, os que desdenham do Ensino Técnico, os que o consideram dispensável, os que não coram de vergonha por terem dado de si a mais triste e miserável prova do seu atrazo, quando do preenchimento do questionário em referéncia. Pois bem; uma vez que comete essa falta imperdoável, procurem, pelo menos, atenuar os remorsos que devem ter, penitenciando-se depois de fazer uma visita à Exposição de Trabalhos dos alunos e alunas da Escola «Francisco de Holanda», onde poderão apreciar o que é agradável e útil ao mesmo tempo. Na secção de trabalhos femininos, executados com a técnica aconselhada, lá encontrarão a preparação profissional — mas metódica e técnica — das alunas, que só depois de executarem os desenhos os aplicam nos respectivos tecidos.

Outro tanto verão na secção dos desenhos, onde poderão admirar as mais interessantes composições para tecidos, muito variados, alguns já fabricados, tudo preparado pelo próprio aluno, desde o desenho geral ao ornamental, ao de debuxo, à máquina de picar cartões e ao tear, com o qual o aluno se habilita a manobrar, quer tecendo, quer reparando defectos, quer afinando-o. No ensino do desenho, que é feito conforme o que a experiência tem aconselhado, isto é, exclusivamente feito do natural, o que está de harmonia com as instruções regulamentares, aparece tudo aquilo que mais útil pode ser ao aluno na sua vida prática, desde os objectos

de uso doméstico, às peças de vários maquinismos e já citadas composições para tecidos, etc. Enfim, a Exposição representa no seu conjunto a mais proveitosa lição a todos aqueles que queiram nacionalizar as suas indústrias, designadamente a de tecidos, aquela que mais abunda em Guimarães. E se nós, os portugueses, podemos fazer boa figura, se nos podemos salientar com o que é nosso e só nosso, por que havemos de importar do estrangeiro o que podemos conseguir no nosso País?! Não é só bom português todo aquele que na ocasião oportuna não hesita em pegar numa espingarda para defender a sua Pátria. Para ser bom português é também preciso não desprezar os recursos a que podemos lançar mão no nosso País, evitando macaquear o que se faz nos outros. Como conseguiu-lo debaixo deste ponto de vista? Aproveitando a valiosa acção do nosso Ensino Técnico Profissional, para o desenvolvimento do qual devemos contribuir, auxiliando, assim, o próprio Estado.

Gomide, Agosto de 1936.

Mário Menezes.

De o Correio do Minho de 19 do corrente

No Porto «PENSÃO LOUVRE»

Rua do Breiner, 79

A mais recomendável pelo seu asseio e tratamento. Aceitam-se estudantes a preços módicos. (105)

Festas e diversões

Senhora d'Ajuda

Começaram ontem e terminam hoje, conforme programa que já publicamos, os festejos à Senhora d'Ajuda, no lugar de S. Lázaro e que decorrem com brilhantismo.

A Comissão da festa da Senhora d'Ajuda, e inauguração da Nova Avenida, em 1937, com a colaboração das Juntas de S. Paio e S. Miguel de Creixomil, ficou assim constituída:

Juíza,

D. Joana de Viamonte Lobo Machado.

Juiz,

Alberto Pimenta Machado.

Comissão,

Eduardo Torcato Ribeiro, José Pinheiro Guimarães, João Baptista de Sousa, Domingos Freiria, Francisco da Silva Guimarães, Luiz Ribeiro de Faria, Alvaro de Oliveira Guimarães, Abel Machado de Faria, José Pereira de Lima, Sebastião Mendes e João Ferreira de Castro.

Para juízas das mordomas serão nomeadas todas as mestras das fábricas desta cidade, e, em ocasião oportuna, serão publicados os seus nomes nos jornais.

Santo Antonino

No próximo domingo, dia 6, realiza-se a tradicional romaria de Santo Antonino, no pitoresco lugar do mesmo nome, na freguesia de S. Romão de Mesão Frio, havendo a costumada solenidade religiosa, pic-nic e arraial com bazar de prendas, abrihantando-o a reputada Banda dos B. Voluntários de Guimarães.

Festival

Realizou-se no passado domingo, no recinto da Escola Industrial e Commercial «Francisco de Holanda» o anunciado festival noturno que decorreu com muito brilho, mas, o que é para lamentar, com uma grande ausência de público. O local estava vistosamente iluminado, tendo-se feito ouvir ali a banda dos B. Voluntários. Foi queimado lindo fôgo do ar e preso. Outras diversões se realizaram mas o público não as viu... porque não quiz.

Orquestra Vimaranesse

A Orquestra Vimaranesse, que constitue já um grupo artistico de valor que honra a nossa terra, realizou no sábado penúltimo, como noticiamos, no Salão de Festas do Hotel

do Tournal, com a assistência de algumas senhoras e cavalheiros a sua anunciada audição que muito agradou pelo desempenho correcto, que arrancou à assistência furtivos e demorados aplausos. Alfredo Caldeira que está à frente da Orquestra e António Guise que para a fundação da mesma empregou os seus melhores esforços, viram os seus trabalhos coroados do melhor êxito e devem ter ficado absolutamente convencidos de que o seu grupo se exibiu com muito êxito. Os vimaranenses vão ouvir a sua Orquestra dentro em breve, numa grande festa artística, e terão ocasião, nesse momento, de saudar e aplaudir, como merecem, os seus componentes.

Senhora da Guia

Hoje às 19 horas começa na capelinha de Nossa Senhora da Guia a novena preparatória para a festividade do próximo dia 8 de Setembro, cujo programa publicamos no próximo número.

Nas Termas de Vizela

Os chás elegantes, as Ceias à Americana, os pic-nics e reuniões tem continuado quasi todos os dias, estando animadíssimas as nossas Termas de Vizela, onde o número de acquiristas é elevado. A festa do último sábado marcou como uma das maiores que se tem feito em Vizela e prepararam-se novos festivais que prometem atingir brilhantismo.

Nas Caldas das Taipas

Neste mês de Agosto aumentou consideravelmente o número de famílias que vieram para as nossas Caldas das Taipas, fazer o seu tratamento habitual das águas. Isso foi o suficiente para que a Estância Termal se animasse, tornando-se muito movimentada. Começaram as festas no Hotel das Termas e no Parque bem como na Pensão Vilas. Hoje realiza-se ali uma interessante festa de Caridade, que promete resultar brilhante.

Constará do seguinte:

A's 15 horas — Ginkana para Senhoras e Cavalheiros, com interessantes prémios. Jogos desportivos. Concurso de ranchos populares, sendo premiados os que melhor se apresentarem em indumentária, canções e danças regionais. Concerto musical.

A' noite — Deslumbrante arraial minhoto, no Parque com concerto musical, iluminações, fogo, danças e descantes, etc.

O produto líquido do festival reverta a favor dos pobres das Taipas a cargo das Ex.ªs Senhoras da Conferência de S. Vicente de Paulo.

Na Estância da Penha

Mais algumas famílias chegaram, na semana finda à nossa linda Estância da Penha, hospedando-se no Hotel, umas, na Pensão Costa, outras. Diariamente inúmeras excursões de todos os pontos do Paiz afluem ao alto da montanha a admirar as suas belezas e a gozar o seu vastíssimo panorama.

No próximo sábado, conforme já noticiamos, deve realizar-se no Hotel da Penha, um chá-dança que está despertando muito interesse, constando-nos que ao mesmo assistirão muitas famílias de Guimarães e de outras localidades, além das famílias que se encontram a veranejar na Montanha.

Diversões para hoje

Festejos à Snr.ª da Ajuda, no lugar de S. Lázaro, com música e bazar de prendas, de tarde, e iluminações, fogo e música, à noite.

Cinema Sonoro na Parada dos Bombeiros, ás 22 horas, com a super-produção: EU FUI UMA ESPIA.

Banda dos B. Voluntários

Foi contratada para abrilhantar nos importantes festejos que em Matosinhos se realizam nos dias 12 e 13 de Setembro a reputada Banda dos B. V. de Guimarães.

Novo Administrador do Concelho

Em substituição do Ex.º Sr. António José Pereira de Lima, foi mandado apresentar no Governo Civil do Distrito e nomeado Administrador do Concelho de Guimarães, o distinto Oficial do Exército, sr. Tenente Artur Lameiras, que de há muito vinha prestando serviço no Regimento de Infantaria N.º 8, com sede em Braga.

Esperando que S. Ex.ª encontre as máximas facilidades para o desempenho do seu novo e espinhoso cargo, antecipadamente apresentamos-lhe os nossos cumprimentos de boas-vindas, e fazemos votos para que, da sua acção administrativa, muito tenham a lucrar a Cidade e o Concelho.

*** BOLETIM ELEGANTE ***

Casamentos

No Santuário Eucarístico da Penha realizou-se na quinta-feira passada, às 10 horas da manhã, com 16.ª a solenidade, o casamento do nosso querido amigo sr. Joaquim Laranjeiro dos Reis, filho do antigo e conceituado negociante local sr. Camilo Laranjeiro dos Reis e de sua ex.ª esposa a sr.ª D. Emilia Cândida de Carvalho Matos Laranjeiro, com a gentil senhora D. Maria Emilia Rodrigues Cardoso, filha do importante proprietário sr. Abel da Costa Cardoso e de sua ex.ª esposa a sr.ª D. Maria de Jesus Marques Rodrigues Cardoso, de S. Martinho de Candoso.

Foi celebrante o rev. Gaspar Nunes que proferiu uma tocante alocução alusiva ao acto e serviu de mestre de cerimónias o rev. Luiz Gonzaga da Fonseca, pároco da freguesia de S. Paio.

Paraninfaram por parte da noiva seus tios o sr. J. S. Marques Rodrigues e sua ex.ª esposa a sr.ª D. Laurinda Cardoso Rodrigues, e por parte do noivo seus pais. Eram caudatárias da noiva as senhoras Fernanda Marques Rodrigues de Abreu e Maria de Lourdes Marques Rodrigues, primas da noiva, e conduzia as alianças a menina Ripetímia Matos Laranjeiro, irmã do noivo.

Ao acto assistiram as ex.ªs sr.ªs D. Maria de Jesus Marques Rodrigues Cardoso, mãe da noiva, D. Emilia Ribeiro Rodrigues, avó da noiva, D. Tereza Marques Rodrigues de Almeida, tia da noiva, D. Maria do Carmo Cardoso Rodrigues e D. Maria Emilia Marques Rodrigues, primas da noiva; D. Emilia Cândida de Carvalho Matos Laranjeiro, mãe do noivo, D. Maria Emilia Matos e D. Alzira Matos Laranjeiro, irmãs do noivo, D. Ana de Carvalho Jacinto, prima do noivo; e os sr.ªs Camilo Laranjeiro dos Reis, pai do noivo, José Laranjeiro dos Reis, irmão do noivo, José de Carvalho Jacinto, primo do noivo, José Rodrigues Júnior, avó da noiva, J. S. Marques Rodrigues e Joaquim de Almeida Guimarães, tios da noiva, Epifânio Rodrigues da Costa Cardoso, irmão da noiva, Antonio Cardoso Rodrigues, primo da noiva, Antonio José Pereira de Lima, P.º Arlindo Faria de Barros, João Teixeira de Aguiar, José Pinheiro, Dr. Adelino Jorge, António de Sousa Lima, Sebastião Mendes e Antonino Dias de Castro.

Finda a cerimónia religiosa os noivos e seus convidados dirigiram-se para o Hotel da Penha, onde lhes foi servido um primoroso copo d'água que confirmou os créditos de que goza aquêle estabelecimento. Ao Champagne brindaram pelas felicidades dos noivos os sr.ªs António José Pereira de Lima, P.º Arlindo Faria de Barros, Joaquim de Almeida Guimarães, Dr. Adelino Ribeiro Jorge, João Teixeira de Aguiar, José Pinheiro, António de Sousa Lima, P.º Luiz Gonzaga da Fonseca e Antonino Dias de Castro, agradecendo o noivo em breves palavras.

São os noivos dotados das melhores qualidades e pertencem a duas famílias da maior respeitabilidade. O «Noticias de Guimarães» deseja-lhes as maiores felicidades e uma prolongada lua de mel.

— Na igreja da Misericórdia realizou-se ontem de manhã o casamento da ex.ª sr.ª D. Almerinda Gomes Alves, filha da ex.ª sr.ª D. Elvira Gomes da Silva e do saudoso José Maria Gomes Alves, com o nosso prezado amigo sr. Amadeu Moreira, activo agenciário em Famalicão, filho do sr. Florindo Moreira e da ex.ª sr.ª D. Maria Luiza Rodrigues, já falecida.

Fôram padrinhos por parte da noiva sua Mãe e seu irmão o sr. Mário Gomes Alves e por parte do noivo o sr. Alberto Gomes Alves e sua ex.ª esposa, a sr.ª D. Ema Gomes Alves.

Ao acto assistiram além das senhoras e cavalheiros já mencionados a ex.ª sr.ª D. Ester Conceição Guerra e os sr.ªs Dr. Gaspar Gomes Alves e Francisco Rodrigues Moreira.

Foi celebrante o rev. Luiz Gonzaga

ADUBOS

Para todas as culturas

Cereais, Vinhas, Trigo, Centeio, Batatas, Leguminosas, Arvores de Fruto, etc.

Pedidos ao Agente e Depositário da Sociedade Adubos Norte, L. da Rua de S. Dâmaso, 65 a 67 GUIMARÃIS

Tubos de ferro galvanizado e preto (Importadores directos de Inglaterra)

Fabricantes de Torneiras de latão, Válvulas de vapor e Bronzes para linhas de eixo.

Louças Sanitárias, Banheiras, Azulejos e Mosaicos.

Bombas de volante e centrífugas.

Motores a petróleo.

Luís Martins Ferreira & F.º Avenida Cândido Reis, 106-GUIMARÃIS

O encarregado desta casa: José da Silva Crespo Guimarães.

ga da Fonseca que fez aos noivos uma brilhante alocução.

Em casa da mãe da noiva foi oferecido, em seguida, um delicado «copo d'água», seguindo os noivos em viagem de núpcias para Braga e Viana.

O «Noticias de Guimarães», deseja-lhes muitas prosperidades.

Partidas, chegadas e visitas

Com sua família, partiu para as suas propriedades do Gaitreiro, S. Torcato, o nosso bom amigo e importante industrial, sr. Alberto Pimenta Machado.

— Acompanhado de sua esposa, vimos nesta cidade, o nosso prezado amigo sr. Luiz de Oliveira Barros, do Pôrto.

— Esteve em Lisboa o estimado solicitador e nosso prezado amigo sr. Francisco de Faria.

— De visita a sua extremosa mãe esteve nesta cidade, acompanhado de sua esposa e filhos, o sr. Francisco S. Boaventura Mendes Guimarães.

— Está nesta cidade o nosso amigo sr. dr. António da Purificação Felgueiras.

— Tem estado na Casa de Carvalho d'Arca o sr. Barão de S. Lázaro.

— Vimos em Guimarães com sua esposa o nosso bom amigo e conterrâneo sr. Alvaro Penafort, digno escrivão de direito em Celorico de Basto.

— Em viagem comercial dum importante armazém do Pôrto, esteve entre nós o nosso bom amigo e activo empregado viajante sr. André Martins dos Santos.

— Com sua família encontra-se na Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo sr. Avelino Ferreira Meireles.

— Esteve entre nós o nosso prezado amigo sr. Manuel Zuzarte Luciano Guimarães.

— Regressou da Póvoa de Varzim a família do nosso prezado amigo sr. Capitão Duarte Fraga.

Aniversários natalícios

Passou em 24 do corrente o aniversário natalício do nosso estimado conterrâneo e distinto Artista sr. Capitão Luiz Augusto de Pina, a quem, embora tardiamente, apresentamos os nossos cumprimentos de felicitações.

Doentes

Esteve doente mas já se encontra restabelecido o nosso amigo sr. José Paredes.

Baptizado

Na igreja da V. O. T. do Carmo realizou-se na quinta-feira, o baptizado do primogénito do nosso amigo sr. Alberto Augusto e de sua ex.ª esposa, que recebeu o nome de Alberto João Augusto. Fôram padrinhos a avó materna, sr.ª D. Maria de Jesus Martins Fonseca e o sr. João Augusto Passos.

Bispo de Beja

Encontra-se hospedado no Palacete de Carvalho d'Arca, propriedade do illustre Comandante João de Paiva de Faria Leite Brandão, sua ex.ª rev.ª o sr. D. José do Patrocínio Dias, venerando Bispo de Beja, que ali veio presidir ao casamento da ex.ª sr.ª D. Maria Fernanda de Paiva de Castelbranco Faria Leite Brandão, como noutro lugar noticiamos.

Nascimento

Têve a sua ddivrance dando à luz uma criança do sexo feminino, a esposa do nosso prezado amigo sr. Alberto Laranjeiro dos Reis, a quem, por tal motivo, felicitamos.

DA CIDADE

O tempo — Na madrugada de quarta-feira pairou sobre a cidade uma forte trovoadá.

Excursões — Durante a semana finda visitaram Guimarães numerosas excursões do Norte e do Sul do Paiz.

Arrematação — No dia 17 de Setembro próximo, realizar-se-á nos Paços do Concelho, a arrematação em hasta pública, de 475 metros quadrados de terreno situado entre a linha férrea, o ribeiro das espadas, caminho público e terrenos de Manuel Alves, na freguesia de S. Miguel das Caldas deste concelho.

Pela instrução — A distinta professora sr.ª D. Elisa Ribeiro Marques, mais uma vez, mostrou a sua competência, como professora do sexo feminino da freguesia de S. S. Torcato, submetendo a exame de 4.ª classe três alunos que ficaram aprovados com distinção.

Ponte de Serves — Por intermédio do sr. Governador Civil do Distrito foi apresentado ao Governo um relatório da Câmara Municipal de Guimarães, pedindo a reparação da Ponte de Serves, que está sujeita a desmoronar-se.

Funcionalismo — Nos primeiros dias do mês de Setembro partem para Lisboa, onde vão prestar provas para fiscais das execuções, os nossos amigos, sr.ªs João Ferreira e Arnaldo de Sousa Lobo.

Pela Polícia — O guarda n.º 41 comunicou aos seus superiores que, no Largo do Ourado, existe uma cocheira que, de quando em vez, deixa correr para a via pública resíduos de imundícies que muito depõem contra a hygiene pública.

— José Francisco da Costa, casado, motorista, da rua de D. João I, desta cidade, queixou-se à policia de que lhe furtaram um relógio de caminheta, ignorando os autores.

— Joaquim de Oliveira Guimarães, casado, industrial, da Avenida Miguel Bombarda, apresentou queixa na policia contra a sua empregada Josefa Pacinhas, do Largo 13 de Fevereiro, acusando-a de ter recebido uma importância que gastou, abusivamente, em seu proveito.

— Alberto Pimenta Machado, casado, industrial, morador na rua de Paio Galvão, desta cidade, queixou-se à policia contra Adelino de Oliveira, solteiro, de 33 anos, serralheiro, natural de Arões, Fafe, e residente na rua da Liberdade, desta cidade, por este, durante o dia, e por duas vezes, ser encontrado dentro das suas propriedades, e da segunda vez, já junto da sua residência, suspeitando que fosse para assaltar-la.

A policia averigua.

Incêndio — Na noite de domingo passado um violento incêndio destruiu quasi completamente uma casa no lugar do Portelo, freguesia de S. Cristóvão de Aboação, tendo ficado carbonizados quatro bois. Os socorros foram pedidos tarde, mas para o local partiram imediatamente os nossos valorosos bombeiros que ainda prestaram relevantes serviços. Os prejuizos foram importantes.

Feiras Francas e Festas em Juguieiros — Em Juguieiros, Concelho de Felgueiras, realizaram-se ontem, grandes Feiras Francas de gado bovino e cavalari, com valiosos prémios aos expositores.

Sufragios — A Conferência de S. Vicente de Paulo (homens) mandou celebrar no domingo, na igreja do Carmo, uma missa por alma da benemérita Senhora D. Luísa Cardoso de Macedo Martins de Menezes

(Margaride), acto que teve numerosa assistência e findo o qual foram distribuídas senhas para esmolos de pão.

De luto — Pelo falecimento de seu avô ocorrido há dias no Pevidém, encontra-se de luto o nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. João d'Oliveira, desta cidade. Os nossos cumprimentos de condolências.

Escutismo — De 14 a 17 do corrente, realizou-se, neste Concelho, próximo do lugar de Brito, a margem do Rio Ave, um acampamento escutista no qual foram celebradas missas campais e realizadas algumas festas, uma das quais de carácter patriótico comemorativo da Batalha de Aljubarrota.

O núcleo de Guimarães fez-se representar, também, no acampamento regional realizado em Vila Nova de Cerveira.

Um bom funcionário — Vimos constatando, há algumas semanas, que alguma coisa de bom se tem feito em Guimarães, no que respeita ao serviço de policiamento da cidade, graças ao bom método, zelo e tactica policial do digno Chefe da nossa Policia, sr. Vieira, que procura fazer cumprir os regulamentos do Código de Posturas, dando ordens sensatas e fazendo-as cumprir pelos seus subordinados. Apraz-nos registar este facto, porquanto de há muito se sentia entre nós a necessidade de um Chefe de Policia assim, apurado, zeloso, cumpridor. que puzesse termo a abusos sem conta que por essa cidade se vinham praticando continuamente.

Parabéns, pois, sr. Chefe da Policia.

A Orquestra Vimaranense e a Campanha «Pró-Monumento»

— A Orquestra Vimaranense, composta por um punhado de pessoas que pretendem fazer alguma coisa em prol da nossa Terra, veio associar-se à Campanha patriótica e baírista «Pró-Monumento», realizando um concerto ante-ontem à noite no Café do Tournal, cuja receita líquida, proveniente do aumento dos preços nos cafés, cervejas, refrescos, etc., destinou ao Monumento que Guimarães vai erigir a seus filhos que bem mereceram da Pátria. Este nobre gesto é digno do agradecimento de todos aqueles que se têm esforçado pelo pagamento dessa dívida de gratidão aos filhos de Guimarães Mortos na Grande Guerra.

Parabéns à Orquestra Vimaranense e muitos louvores.

A Penha há 50 anos

Comemorando umas bodas de ouro

Aos 29 dias do mês de Agosto de 1886, reatuiu pela primeira vez, na Penha, a Comissão Promotora de Melhoramentos, neste local sob a presidência do sr. Albano Ribeiro Belino, estando presentes os sr.ªs Albano Pires de Sousa, Simão Duarte Mendes Gui-

marais, Manuel José Cerqueira Júnior e quarenta membros da mesma Comissão.

Desta Comissão faziam parte os ex.ªs sr.ªs Albano Pires de Sousa, Francisco Raimundo de Sousa Guise e João Lopes de Faria.

A actual Comissão de Melhoramentos, presidida pelo ex.º sr. António José Pereira de Lima, resolveu que a montanha da Penha fosse iluminada na noite de ontem, dia 29 de Agosto e se promovessem demonstrações festivas, apresentar os seus cumprimentos aos membros da Comissão de 1886 ainda vivos, convidando a irem à Penha onde lhes foi oferecido um almôço íntimo; e no próximo domingo, 30, mandar celebrar uma missa às 11 e meia horas, no Santuário Eucarístico da Penha, pelas almas dos membros da comissão falecidos.

Grupos Recreativos

«Os Infalíveis»

Inicia-se no próximo domingo, 6 de Setembro, o 8.º passeio anual do Grupo Recreativo «Os Infalíveis». Demandando o Sul, este simpático agrupamento que tanto se tem honrado propagando inteligentemente a sua e nossa terra, uma vez mais afirmará o conceito em que é tido entre todos os seus congéneres, pois é um dos primeiros grupos de Guimarães.

Que a viagem lhe decorra com felicidade são os nossos desejos.

Jantar de Confraternização

Realiza-se hoje na soberba Estância da Penha, um jantar de confraternização do Grupo Recreativo «Os Bem Dados da Madre-de-Deus», a que preside o nosso amigo sr. José da Costa Facheo.

Pic-nic

No pitoresco lugar de S. Roque realizou-se no passado domingo, como estava anunciado, o pic-nic de confraternização do nível Grupo Recreativo «O Regadinho sem medida», que decorreu no meio da maior animação.

«Amigos da Penha»

Realizaram nos passados dias 9 a 11 do corrente, como noticiamos, o seu primeiro passeio anual os componentes do Grupo Excursionista «Amigos da Penha», tendo recebido, de todas as terras que percorreram, a mais franca hospitalidade.

O presidente da direcção do referido grupo, sr. Eduardo de Oliveira Machado, pede-nos para que torneemos público que tendo reunido ultimamente a sua direcção para prestar contas, verificou existir um saldo a seu favor de Esc. 234\$00, resolvido então que esta quantia fosse destinada a um «Pic nic», que o mesmo grupo realiza hoje na nossa encantadora estância da Penha.

CABELOS BRANCOS... SÓ OS TEM QUEM QUER

A LOÇÃO MIN-HOR devolve a côr primitiva aos cabelos brancos sem pintar.

A LOÇÃO MIN-HOR não é uma tintura, mas sim um excelente tónico do cabelo.

A LOÇÃO MIN-HOR destroi a caspa e os microbios que prejudicam o cabelo e o fazem cair.

A LOÇÃO MIN-HOR dá por si só brilho e vigor ao cabelo, perfumando-o agradavelmente, dispensando por isso o uso de brilhantinas e pomadas.

A LOÇÃO MIN-HOR vende-se em toda a parte a 15 escudos cada frasco.

Um ano habilitado a um relógio, uma jóia ou qualquer artigo, de que mais necessite, até ao valor de 260\$00, por

2 \$ 5 0

é o

Brinde da Relojoaria Suíssa

R. Santa Catarina, 135 - Telef. 4693 - PORTO

Correspondente em Guimarães:

Agostinho Dias Pinto de Castro

Os bilhetes, ao preço de 2\$50 estão à venda nas seguintes casas:

CASA DAS NOVIDADES

CASA IMPERIAL

CASA DAS GRAVATAS.

(160)

Grande Peregrinação à Penha

No dia 13 de Setembro de 1936

A Penha, aprazível local de beleza e encantos, centro visual de horizontes soberbos e miradouro surpreendente de fantásticos panoramas, e também para os Vimaraneses a Montanha Santa em cujo cimo, há muito, collocaram a sacrossanta ara em que, todos os anos, costumam imolar, numa apoteose de fé e patriotismo, os sacrificios de uma jornada heróica.

Mais uma vez os veremos subir em piedosa romagem, entoando hinos ou recitando preces, as verdejantes vertentes da sua muito adorada Penha, e lá no alto suplicar à excelsa Padroeira dos Portuguezes para que se digno proteger com as dobras do seu glorioso manto da paz o mundo inteiro, o seu Portugal querido e a sua cidade idolatrada.

A Penha, pois, devotados Vimaraneses.

PROGRAMA

Dias 10, 11 e 12 — Tríduo preparatório, às 21 horas (9 da noite), na igreja da Misericórdia, constando de exposição, terno, prática e bênção do Santíssimo.

Dia 12, sábado, às 21 horas, organizar-se-á na mesma igreja uma Imponente Procissão de Velas em que será conduzida a formosíssima Imagem de Nossa Senhora da Penha seguindo pelo Largo Franco Castelo Branco, Rua de Santo António, Praça D. Afonso Henriques (lado nascente), Largo 28 de Maio, Rua de S. Dâmaso e Campo da Feira. Após a chegada haverá alocação por um distinto orador sagrado e grandiosa apoteose à Virgem Imaculada, recolhendo a Imagem ao templo dos Santos Passos.

Os fados das velas para a Procissão, feitos exclusivamente com a letra impressa dos cânticos poderão adquirir-se por \$50 (cinquenta centavos) no recinto junto à igreja da Misericórdia. A montanha nesta noite será iluminada profusamente, havendo outras demonstrações festivas.

Dia 13 — Missas rezadas e Comunhão Geral, desde as 6 horas em todas as igrejas da cidade.

As 8 e meia horas — Organização da Grandiosa Peregrinação, presidida por Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo Primaz, que às 9 horas em ponto dará a bênção aos peregrinos para imediatamente seguirem pelas ruas da cidade, Arceia e estrada da Penha, por Belos-Ares, onde se associarão então numerosos peregrinos das freguesias de Fafe e Felgueiras, com S. Torcato, Atães, S. Romão e outras. Na Penha, Missa Campal, alocação pelo Ex.ª Prelado e bênção do Santíssimo Sacramento.

A Imagem de Nossa Senhora da Penha será conduzida na Peregrinação. A letra do hino de Nossa Senhora da Penha será distribuída pelos peregrinos.

Horário dos Combóios Extraordinários

PARTIDA

Entre Porto (Boavista) e Guimarães
IDA — Pôrto (Boavista), 6,25. Senhora da Hora, 6,32. Araújo, 6,39. Barreiros, 6,45. Castelo, 6,50. Muro, 7,05. Bougado, 7,18. Trofa, 7,26. Louzado, 7,34. Santo Tirso, 7,44. Caniços, 7,53. Negrelos, 7,59. Giesteira, 8,02. Atalinde, 8,04. Lordelo, 8,09. Vizela, 8,19. Nespereira, 8,25. Covas, 8,30.
REGRESSO — Guimarães, 19,15. Covas, 19,22. Nespereira, 19,28. Vizela, 19,35. Lordelo, 19,45. Atalinde, 19,52. Negrelos, 19,58. Caniços, 20,05. Santo Tirso, 20,18. Louza-

EXUMAÇÕES DO PASSADO

(Quadros sinopticos da História Vimaranesa)
Conventos, capelas, igrejas e Casas de beneficência

O Real convento da Costa (Santa Marinha)

Está este convento situado estrada-cidade, a 2 quilómetros, pouco mais ou menos, afastado da cidade, a meia encosta da montanha da Penha. Foi de apresentação real, por isso dos nossos reis pertencia o seu padroado, passando depois essa prerrogativa para os duques de Guimarães. Fundado em 1117 pela rainha D. Mafalda, mulher do nosso primeiro monarca, D. Afonso Henriques, pertenceu até ao ano de 1528 à Ordem dos Cônegos Regrantes de Santo Agostinho, passando nesta data para o domínio dos frades-monges, de S. Jerónimo, por interfeirência do 3.º duque de Guimarães, 4.º de Bragança, D. Jaime, devidamente autorizada por uma bula, datada de 2 de Março de 1525, concedida pelo Papa Clemente VII, cuja autorização foi confirmada por D. João III a seu padrinho que era aquêlê duque.

A Ordem dos Jerónimos entrou em Portugal cerca do ano de 1355 e contava 9 conventos.

Assevera um documento manuscrito que no local onde hoje ainda se encontra este convento existia, antes da sua fundação, uma ermida.

Algo interessante e curiosa é a história d'êste convento chamado mosteiro nas Crônicas da Ordem, numa das quais se diz que D. Diniz por uma carta passada, em 1280, em Braga, aumentou-o contou-o e passando depois, no século XV para abadia. Porém nós, para evitarmos prolixi-

do, 20,29. Trofa, 20,34. Bougado, 20,38. Muro, 20,49. Castelo, 20,59. Barreiros, 21,07. Araújo, 21,13. Senhora da Hora, 21,21.

Entre Guimarães e Fafe

IDA — Fafe, 7,50. Cepães, 8,01. Fareja, 8,09. Paço Vieira, 8,23. Penha, 8,28. Aldão, 8,33.
REGRESSO — Guimarães, 9,30. Aldão, 9,40. Penha, 9,45. Paço Vieira, 9,50. Fareja, 10,02. Cepães, 10,09. Guimarães, 19,10. Aldão, 19,22. Penha, 19,22. Paço Vieira, 19,37. Fareja, 19,49. Cepães, 19,57.

CHEGADA

Entre Porto (Boavista) e Guimarães
IDA — Senhora da Hora, 6,31. Araújo, 6,38. Barreiros, 6,44. Castelo, 6,53. Muro, 7,04. Bougado, 7,17. Trofa, 7,23. Louzado, 7,30. Santo Tirso, 7,43. Caniços, 7,52. Negrelos, 7,58. Atalinde, 8,04. Lordelo, 8,08. Vizela, 8,17. Nespereira, 8,25. Covas, 8,30. Guimarães, 8,35.
REGRESSO — Covas, 19,21. Nespereira, 19,27. Vizela, 19,34. Lordelo, 19,44. Atalinde, 19,51. Negrelos, 19,56. Caniços, 20,04. Santo Tirso, 20,15. Louzado, 20,28. Trofa, 20,33. Bougado, 20,38. Muro, 20,49. Castelo, 20,57. Barreiros, 21,07. Araújo, 21,13. Senhora da Hora, 21,18. Pôrto (Boavista), 21,30.

Entre Guimarães e Fafe

IDA — Cepães, 8,00. Fareja, 8,08. Paço Vieira, 8,22. Penha, 8,27. Aldão, 8,33. Guimarães, 8,42.
REGRESSO — Aldão, 9,40. Penha, 9,45. Paço Vieira, 9,49. Fareja, 10,01. Cepães, 10,09. Fafe, 10,19. Aldão, 19,21. Penha, 19,28. Paço Vieira, 19,34. Fareja, 19,48. Cepães, 19,56. Fafe, 20,07.

NA PENHA — Em recinto reservado poderão estacionar automóveis e caminhetas sob a guarda de pessoal competente. Haverá também local próprio para guarda de objectos. Durante o dia haverá carreiras de caminhetas para a Penha.

Gaixa Registadora "National"

VENDE-SE

Falar na Casa das Novidades GUIMARÃIS

DO CONCELHO

Carta das Taipas

Caldas das Taipas, 28
Época termal. Festival

Está no seu verdadeiro auge a época balnear. Dia a dia vêm chegando a estas terras muitas famílias, achando-se o Hotel das Termas repleto de hóspedes da mais fina sociedade, contando-se entre muitos outros o nosso presado amigo Ex.ª Sr. José Jacinto Júnior e família, o notável escritor Dr. Sousa Costa e esposa, etc., etc.

Está no seu verdadeiro auge a época balnear. Dia a dia vêm chegando a estas terras muitas famílias, achando-se o Hotel das Termas repleto de hóspedes da mais fina sociedade, contando-se entre muitos outros o nosso presado amigo Ex.ª Sr. José Jacinto Júnior e família, o notável escritor Dr. Sousa Costa e esposa, etc., etc.

Sábado, 29 — Deslumbrante arraial minhoto com concerto musical, iluminações, fogo de artifício, danças etc.

Dia 30, às 15 horas — Ginkana para senhoras e cavalheiros. Jogos desportivos. Concurso de ranchos populares com prémios para os que melhor se apresentarem. Concerto pela Banda dos Bombeiros das Taipas.

A noite continuação do arraial minhoto.

O produto do festival revertirá em benefício dos pobres da Conferência de S. Vicente de Paulo, desta povoação.

C. C.

Briteiros, 25.

O calor, nêstes últimos dias, tem-se feito sentir demasiadamente, fazendo secar jardins, hortas, etc.

Há por aqui muita gente que, devido à intensidade do calor d'êstes últimos dias, traz a pele tãda queimada, e o corpo em chaga, como se tivera levado uma dupla camada de tintura de iodo.

Encerrou, finalmente, ante-ontem, a grande exposição de trabalhos manuaes dos alunos da Escola Mixta desta freguesia, exposição esta que esteve patente ao público durante 15 dias, tendo sido muito visitada e admirada.

A Citânia de Briteiros continua a ser muito visitada por numerosas excursões vindas de vários pontos do país.

Conforme tínhamos noticiado, realizou-se, no pretérito domingo, na igreja paróquial d'êsta freguesia, a festa em honra do Sagrado Coração de Jesus, e que constou de Missa solene, Comunhão das crianças, sermão, procissão e outros actos do Culto.

C.

S. Torcato, 28.

Durante a semana finda, foi êste pitoresco local e magestoso templo do milagroso S. Torcato visitados por cerca de 4500 forasteiros, de diversos pontos do país, que após longa demora e depois da visita à água do Santo seguiram ao seu destino muito satisfeitos.

No domingo passado, cerca das 18 horas, chegou a êste local uma importante excursão, transportada em caminhetas, que precedia do Pôrto, Taipas e da Citânia de Briteiros, que foi recebida com girândolas de fogo, repiques de sinos e muitas flores.

Foi-lhes servido um óptimo jantar, ao ar livre, na casa do sr. Manuel da Silva Leite. Após longa demora nêste repasto, seguiram para a Estação do Caminho de Ferro, com destino ao Pôrto, todos muito satisfeitos.

Está concluída a fachada do lado Sul do Templo do Santo Padroeiro, com uma linda gruta no alto, aonde vai ser collocada a imagem do milagroso Santo, em pedra.

Procedentes de Espanha tem vindo muitos compatriotas nossos que devido à Guerra Civil fôram obrigados a retirar daquêlê país.

Consta-nos que de futuro os pedreiros que trabalham nas obras do santuário, por falta de pedra, ficam desempregados. Esta é uma péssima resolução da parte de quem superintende nêstes serviços; se tem de se construir o lago, que tanto embelezará o local, mãos à obra, pois nêste serviço também os pedreiros podem ser empregados. Melhor fóra que o dinheiro que foi gasto na capela da água do Santo, tivesse sido aplicado na construção do Parque.

Na quinta-feira da semana passada, em Gominhães, o sr. Joaquim

Advertisement for 'A BRASILEIRA' coffee featuring a star logo with a man drinking coffee, text 'MARCA REGISTRADA', 'Casa especial de café do Brasil e Pastelaria', '61, Rua de Sá da Bandeira, 91', 'Telefones 379 e 405', 'PORTO', 'Vende-o em Guimarães: Francisco Joaquim de Freitas & Genro, Praça D. Afonso Henriques, 70'.

de Matos, moleiro, quando colocava uma roda de pedra no moinho, esta apanhou-lhe a mão direita e decepaou-lhe um dêdo; foi-lhe prestado o primeiro curativo no facultativo de S. Torcato, sr. dr. Francisco Fernandes, que lhe amputou o dêdo.

Na sexta-feira da semana passada visitou as suas propriedades, nesta freguesia, o sr. Gaspar Ferreira Paúl, digno director da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães.

Apresentamos-lhe cumprimentos. Procedente da Póvoa de Varzim, aonde se encontrava há meses, chegou a esta estância, na terça-feira passada, o nosso amigo sr. Joaquim Lindoso, acompanhado de sua ex.ª esposa, a sr.ª D. Rosa Ribeiro Martins da Costa.

Os nossos cumprimentos de boas-vindas. Procedente da cidade do Pôrto, encontra-se na sua linda vivenda do Mosteiro, ultimamente restaurada, a sr.ª D. Guilhermina Ribeiro de Faria e Silva.

Cumprimentámo-la. Na paróquial igreja desta freguesia, têm-se realizado, desde terça-feira passada, sermões e outros exercicios religiosos, em honra do

Sagrado Coração de Jesus, cuja festa se realiza no próximo domingo. A luz eléctrica continua apagada. Pedimos ao digno Concessionário a sua atenção para êste magno assunto, no que esperamos ser atendidos.

Acarinhar Guimarães é dever de todos os seus filhos.

Advertisement for 'Sociedade Norténia, L. da' with address 'Praça Carlos Alberto, 110-1.º', 'Telef. 6414', 'PORTO', 'Compra, vende e hipoteca Propriedades.', 'Sub-agentes: Gomes Alves, Matos & C.ª', 'Toural -- GUIMARÃIS -- Telef. 133'.

DOENÇAS DOS OLHOS

Dr. A. Villas-Boas e Alvim Com prática nos hospitais de Lisboa, Madrid e Paris.

CONSULTAS: Em Guimarães: Hospital da Santa Casa da Misericórdia, às quartas e sábados, das 9 às 11 h. Em Braga: Todos os dias úteis. (159) L. Barão S. Martinho, 78.

qual se formou, sendo depois Mestre-escola e mais tarde D. Prior da Colegiada de N. S. da Oliveira, da sua terra natal e por último cardeal-bispo Albanense por graça do Papa Inocêncio III que fôra seu condô cípulo na dita Universidade.

No convento da Costa, desde os seus princípios até hoje tem funcionado sempre, com maiores ou menores intermitências, aulas de estudo superiores. Em 1727 no tempo do Prior Frei José de Santo António existiram ali aulas de Filosofia, as quais foram muito frequentadas por estudantes seculares que no fim do curso ou do ano defendiam teses públicas, a cujos debates assistiram muitos fidalgos e cavaleiros da mais alta nobreza vimaranense e outras pessoas de grande representação social.

As suas conclusões eram impressas em tecidos de sêda de côr, com que se formavam véos de cálice.

Em 1733 abriu-se mais uma aula de Teologia, no tempo do Prior P.º Frei Crispim da Conceição da qual era professor o Rev.º Frei Manuel de S. Jerónimo que de propósito viera do convento de Penha Longa onde exercia o mesmo mister.

Tão eruditos eram êstes frades na Sagrada Teologia que tiveram muitos anos a honra da presidência nos actos da mesma matéria realizados na Universidade de Coimbra.

Neste convento também funcionou alguns anos o colégio de S. Dâmaso e mais recentemente um Seminário do qual era director o Rev.º José Bernardo Gonçalves.

A sua igreja é ampla e foi principiada no tempo de Frei José de Castro, natural de Lisboa, quando êle era

Prior e cuja obra bem como a dos pátiõs fronteiros, foi ajuntada por 15.500 cruzados.

A sua frontaria, principiada em 1751, apresenta rendilhados labores, trabalhados com primor em pedra e que tornam elegante. Ladeada por duas torres, terminados em capete, nela se encontram cinco janelas caprichosamente raagados que fornecem jorros de luz para o seu interior, para o qual se entra por uma artística porta.

No alto, no fecho da frontaria ostenta-se um nicho dentro do qual se encontra a imagem de Santa Marinha, portuguesa sua padroeira e nas bases ou sócos das mesmas torres outros dois nichos, um de cada lado, com as imagens dos patronos da Ordem, S. Jerónimo, penitente e Santa Paula, que são a fiel reprodução das duas imagens da mesma invocação que se vêem nos altares laterais do arco cruzeiro da igreja, ali collocados, por determinação de Frei José de Santo António, que professava no convento de Belem, da mesma Ordem e mandara fazer as quadras da capela-mor e proceder ao douramento da mesma, a qual tem o tecto em abóbada apaiuelata, levantada segundo o risco de Frei Belchior de Matos, prior deste convento desde 1628 a 1631. Pena é porém que esta abóbada não acompanhe toda a capela mor até ao fundo, deficiência causada, certamente, por inadvertência ou irreflexão de Frei Alexandre de Jesus, de Basto, eleito Prior em 1713, que mandou acrescentar à dita capela-mor mais 12 palmos e 2 frutos, não acompanhando êste acréscimo com a abóbada respectiva.

O corpo da igreja apresenta 6 altares, sendo 2 por baixo do coro que é um primor de trabalho artístico, onde

havia um órgão unanimemente, indicada como o melhor da cidade.

A sacristia é desafogada e porventura a mais majestosa de Guimarães. Ladeada por arcazes de madeira exótica vulgarmente chamada preta, contém quadros a óleo representando factos alusivos a S. Jerónimo.

No altar desta sacristia via-se a imagem do Santo Antoninho, nele collocada em 1757, e que viera de uma capela, a êstes religiosos pertencente na freguesia de S. Romão, onde foi collocada uma outra da mesma invocação, como martir, e não bispo que era a que lhe competia.

A entrada para o templo d'êste convento irá precedida de um grande ardo lageado feito em 1703, sendo Prior Frei António Machado e para o qual dão acesso três lanços de escadadas de mármore, divididas por balastrados, a cada dos quais corresponde um patamar.

O pavimento inferior aquêlê é todo arborizado com acácias, anoreiras e outros arbustos de cômoda sombra. Pelo menos era assim todo aquêlê conjunto quando frequentamos o dito colégio de S. Dâmaso, onde nos demoramos até às férias do Natal, indo depois matricular-nos no Seminário liceu que havia pouco fóra fundado, no Largo de S. Tiago.

Já então, é claro, o edificio conventual era propriedade particular, como ainda hoje é, não obstante ter sido reconhecido como monumento nacional, com o fim de êle passar à posse de estrangeiros como já esteve a suceder.

P.º Alberto Gonçalves. (Continua)